

OS PACHIDERMES DO ESTADO D'EL-REI D. MANOEL

Como anda sabido, só no reinado d'este monarcha, de sobeja rasão cognominado o *Venturoso*, começou a Europa a ver os grandes pachidermes da Asia; — o elephante e o rhinoceronte — que apenas conhecia pelas descripções dos antigos escriptores.

N'esses que hoje nos parecem já fabulosos tempos, e ainda bem depois; a presença d'estes formidaveis exemplares do reino animal em Lishoa era tão frequente, como, depois, em nossos dias já, a dos macacos que os napolitanos passeiavam ao collo ahi por essas ruas da Baixa, fazendo-os, de quando em quando, dançar sobre a movel e arredondada banquinha, tocar sanfona, disparar a pistola ou menear o pandeiro, perante a chusma embasbacada, enquanto não vinha o momento de os lançarem ás varandas, a visitar as meninas que fugiam espavoridas, fechando pressurosas as valedoras, vidraças:

D. Manoel chegou a ter cinco elephantes reunidos, e quando sahia em estado, o seu grande luxo, a sua grande e realenga vaidade era leval-os deante de si enfileirados da Ribeira até á Sé, soberbamente amantilhados, e não menos luxuosamente vestidos os respectivos *kornakas*, que em palanquim dourado, assente no dorso dos bichos, os governavam, fazendo-os executar mil zumbaias e *salás*, enquanto iam por entre as alas cerradas dos quinhentistas lisboetas affirmando as grandezas e opulencias asiaticas de seu real se-nhor.

O estado d'el-rei D. Manoel, n'esses dias de gala, era assim, de ordinario, o que é hoje o estado dos nossos reis, quando, por excepção, deante do coche auriluzente em que elles uma que outra vez atravessam a cidade em dias de alta excepção, vão rodando, pesados e monumentaes os poucos coches de gala que a magestade d'el-rei D. João VI entendeu que podia dispensar lá no Rio de Janeiro, ao enfiar, fugindo aos maltrapidos de Junot, a barra de Lisboa.¹

¹ O Principe Regente levou para o Brasil em 1807 quarenta e tantos coches, sendo ainda depois de 1834 para lá mandados mais alguns, a

Mas, assim como os coches da Casa Real teem contra elles quantos entendem que essas antiquadas machinas já *estão fóra da moda*, os elephants, ao que asseguravam já desde mui remotas eras Plinio; Strabão e outros conspiciosos escriptores, tinham, e terão ainda, se a natureza se não cançou de ser a mesma, por terriveis e irreconciliaveis inimigos os rhinocerontes, não menos feios bichos do que os seus antagonistas, e mais desengraçados do que elles, grandes massas brutas, ainda que menos alterosas do que os elephants, e, em todo o caso, muito mais anthipathicos do que elles em configuração e em character.

Lêde Fr. Gaspar de S. Bernardino, bem mais no caso de vos dar a biographia elephantina do que o sr. Luiz Figuiet, provavel narrador d'outiva; lêde P.^o Manoel Barradas, que á custa de alguns contratempos, teve meio de estudar os elephants de Ceylão, mais geitosos e delicados na figura, e não menos amoveis e fagueiros do que os seus irmãos industanicos ou africanos.¹

Ahi admirareis de quanta intelligencia, gosto e delicado tacto esses animaes são dotados, e como elles corrigem com

titulo de partilhas, por motivo do fallecimento do imperador D. Pedro IV.

Venderam-se, porém, outros, por deteriorados, no reinado da rainha a sr.^a D. Maria II, e estando diversos em total ruina, nas cocheiras do Calvario, ainda em 1868, segundo conta Vilhena Barbosa, de quem resumimos esta noticia, existiam *trinta e nove* nas cocheiras então recém-reedificadas da calçada da Ajuda.

Foi no reinado d'aquelle soberano, e por occasião do baptisado da sr.^a infanta D. Antonia, que se começou a cuidar em restaurar alguns d'estes coches, cuja collecção, apesar de redusida, ainda hoje constitue uma das nossas mais apparatusas curiosidades artisticas.

E', porém, preciso advertir que entre os antigos coches, hoje em serviço na Casa Real, ha algumas pesadas e bem pouco elegantes machinas, chamadas *estufas*, introdução dos Philippes, e que, em verdade, só como assumptos archeologicos se recommendam. São as que a Vêdoria manda aos sahimentos dos personagens publicos no goso d'essa distincção, e que, segundo terá sido notado, devem justificar plenamente o nome que lhe foi dado: — caixas enormes de couro engraxado, sem postigos lateraes; estufas verdadeiras, absolutamente improprias para o nosso clima; verdadeiros fornos ambulantes.

Vemos que em Chicago, na *Feira do Mundo*, passeiaram algum ou alguns dos antigos coches da nossa velha reallea. E' provavel que da America do Sul tenham passado para a America do Norte... rebaixados até á cathgoria de *curiosidade burlesca*... Tombos da vida!...

¹ *Itinerario da India por terra, cap. 15, Discrição da cidade de Colombo, in Hist. Trag. Marit., Tom. I.*

seus peregrinos gostos e mimosas predilecções a aspera rudeza de seu tosco e brutal aspecto, desmentindo o que se espera em ferocidade d'aquelle seu formidando vulto d'elles, com as mais graciosas obsequiosidades a quem bem os trata e acarinha. Lêde as narrativas de Damião de Goes, e enternecer-vos-heis, ao pensar no valioso e sempre bem humorado prestimo dos elephantes empregados da Ribeira das naes de Goa, e como algum d'elles soube vingar com a morte a coima de poltrão com que o offendeu o chefe que os governava.¹

Havendo-vos inteirado das bellas qualidades de caracter e de coração, até, que ennobrecem o elephante, não vos custará decerto comprehender quão indigno seja de compararse-lhe esse corcovado e repellente animal que os antigos chamavam Ganda, que não sabe mais do que pisar aos pés o tratador que lhe dá a ração, vingativo, brutal, estúpido, só nascido para terror dos outros animaes;— o terrível rhinoceronte.

Tudo isto contaram tambem os antigos escriptores; contaram mais:— contaram que tanto que o rhinoceronte vê um elephante, se este se lhe não póde esquivar, ha lucta, da qual nem sempre o elephante sahe victorioso.

* * *

Nos estabulos d'el-rei D. Manoel tambem não faltava o rhinoceronte, e el-rei, que tinha suas lettras, e lia Plinio e Strabão tambem, quiz averiguar um dia até que ponto eram verdadeiros estes auctores em suas affirmativas, quanto á natural anthipathia que desune os dois pachidermes.

A pousada dos elephantes era nas dependencias do palacio dos Estaos, ao Rocio. D. Manoel designou um d'elles, o menos corpulento, mais adaptado ao menor tamanho, tambem, do rhinoceronte, para luctar com elle.

No paço da Ribeira e entre este e a casa da India havia um grande pateo, fechado por altos muros ameiados, proprio para o espectáculo que Sua Alteza se promettera. O elephante foi conduzido até ao portão d'esse pateo, que corria ao longo das casas da Ribeira.

¹ CHRONICA D'EL-REI D. MANOEL, *Parte Quarta, Cap. 18.*

Por outro lado se fizera entrar primeiro o rhinoceronte. Ao meio do pateo corria um passadiço que communicava os aposentos d'el-rei com os da rainha. Ornavam-no varios pannos de armar que pendiam até ao solo. D. Manoel deu ordem para que escondessem ahi o rhinoceronte até entrar no pateo o elephante.

Logo que este entrou, fechou-se-lhe o portão nas costas, e levantaram-se os pannos de armar, para que o rhinoceronte o visse. Foi o bastante. O torvo pachiderme, que trazia sempre uma cadeia anilhada a um pé, e cuja extremidade andava sempre na mão do indio que o tratava, e lhe curava a chaga da algema, fez um geito para o tratador como quem lhe pedia que o largasse. Foi-lhe o indio alargando a cadeia, e o bruto começou de caminhar para o elephante, que ainda não dera por elle, por estar com a anca voltada para o lado de onde o seu antagonista se mexia.

Emquanto caminhava lento, mas seguro, o rhinoceronte levava o focinho no chão, assoprando tão violentamente, que a terra e o lixo do pateo lhe redemoinhavam diante das ventas.

Sentiu-o, porfim, o elephante, e voltando-se rapido, entrou de mover a tromba com furioso ademan, dando ao mesmo tempo berros atroadores. E o rhinoceronte ia avançando sempre, a cabeça cada vez mais baixa, e por conseguinte o chifre que se lhe ergue recurvo no alongado focinho cada vez mais aproado e certo á barriga do seu inimigo.

De repente, o elephante, que, por muito novo, apenas tinha tres palmos de dentes fóra da boca, gira rapido sobre si mesmo, e endireitando para uma janella que se rasgava junto da porta do pateo, defendida por varões de ferro que não tinham menos de oito boas polegadas de grossura em quadrado», segundo Goes affirma, investe com ella com tal força, que torce dois d'esses varões, e escapa-se para a rua de um salto atravez o só espaço que elles lhe deixaram.

Foi tão rapida a corrida do elephante, e o salto que deu, passando atravez os varões torcidos, que o indio que o governava não teve mais tempo que deixar-se escorregar do cachaço do bicho ao chão, livrando-se com formidavel cambalhota em meio do pateo de morrer arrebetado entre a janella e o dorso do fugitivo animal.

Este, correndo em vertiginosa carreira atravez a cidade, em direcção ao palacio dos Estaos, sua pousada, causava uma verdadeira revolução. Peões e cavalleiros que encontrava,

tudo era levado diante de si, pisando e atropellando os desprecados ou pondo em fuga os mais advertidos.

A desordem e o barulho que tudo isto causava, os brados que uns aos outros se davam, para que se guardassem, alvorotavam a cidade e como que a apparentavam victima de violenta sedição.

Quanto ao rhinoceronte, esse quedara-se no pateo, dando como que a entender aos circumstantes, com os geitos e me-neios que fazia, que tinha a victoria por certa, se o elephante quizesse esperar.

El-rei D. Manoel, vendo frustrada a tenção, e acabado o spectaculo justamente quando elle ia começar, consolou-se, provavelmente, a commentar a subita resolução do elephante e o modo devéras surprehendente como elle a posera em practica.

Fez-se exame á janella e aos torcidos varões que haviam dado escapula ao bicho, e chegou-se á conclusão que a abertura que o elephante atravez elles se proporcionara, a custodaria para que por ella passasse um homem de commum estatura, vestido em pelote!

Fôra o medo que obrara o prodigio !

* * *

Sempre nós cuidamos — porque não confessal-o? — que o bom Damião de Goes cedera, na parte e capitulo da sua chronica, em que este caso é narrado, ao devaneio de fazer seu romance, á custa dos pachidermes do seu real biographado.

Que o rhinoceronte, sendo o inimigo natural do elephante, estivesse disposto á lucta, comprehendiamos; que o elephante preferisse fugir a bater-se com o seu mortal inimigo não nos repugnava crel-o, mas que a sua retirada da arena a operasse elle por modo tão maravilhoso quão inacreditavel, eis o que nos custava a deixar passar.

N'este sentimento decorreram annos. Um dia, porém, abrindo a copiosa monographia do prof. De Gubernatis, sobre os *Viajantes Italianos nas Indias Orientaes*, encontrámos na parte consagrada, n'essa monographia, aos documentos inéditos, e sob o n.º VI, a seguinte corroborativa, authenticada pelo nome do confirmante, e auctorisada pela precisão das datas que Damião de Goes despresara :

Carta escripta por Valentim de Moravia aos mercaderes
de Nuremberg

(Tradução)

«No dia 20 d'este mez de maio de 1515, chegou aqui a Lisboa, cidade nobilissima de toda a Lusitania, emporio ao presente excellentissimo, um animal chamado pelos gregos Rhynoceros e pelos Indios Ganda¹, presente do rei poderosissimo da India da cidade de Cambaia a este serenissimo Manoel, rei de Portugal, o qual animal no tempo de Pompeo Magno foi mostrado, com outros animaes aos romanos, em seus jogos, como diz Plinio. Este Rhynoceros, diz elle, tem um chifre sobre o nariz, é inimigo do elephante, e havendo de combater com elle, aguça o chifre em uma pedra, procurando no combate ferir o seu adversario na barriga, por ser no elephante a parte mais vulneravel. Diz o mesmo auctor que o Rhynoceros é tamanho como o elephante, mas tem as pernas mais curtas e a côr semelhante á do buxo »

(Segue se uma informação em latim copiada de Strabão, e que De Gubernatis ommittiu).

«E isto diz o dito Strabão, no que mostra concordar com o que aqui vimos, e principalmente no que toca á inimizade que se dá entre os dois animaes, porque em dia da Santissima Trindade² sendo o elephante introduzido em certo pateo junto ao palacio do rei, e sendo conduzido ao mesmo lugar o supradito Rhynoceros,— vi eu — que tão prompto o elephante deu por elle, começou a correr furioso para cá e para lá, e approximando-se d'uma janella gradeada com varões de ferro da grossura de um braço, accommettendo-a com os dentes e com a tromba, lhe quebrou os varões, fugindo... »

«.....»
«.....»

Está pois confirmada a narrativa de Goes, e perfeitamente assente que o caso por elle narrado se passou tal qual elle o contou no dia 3 de junho de 1515.

¹ Exactamente a gan'd'a do sãoscrito. (Nota de De Gubernatis)

² A Paschoa de 1515, segundo o kalendario Juliano, cahiu a 8 de abril, e é por este kalendario que se ha de fazer o calculo, pois que o gregoriano só foi admittido em Portugal por lei de 20 de setembro de 1582. Assim, o domingo da Santissima Trindade terá sido a 3 de junho.

* * *

Pobre rhinoceronte ! D'elle se póde dizer que foi bem creado e mal fadado !

D. Manoel, resolvendo mandar a sua historica embaixada a Leão X, determinou que fizesse este rhinoceronte parte dos presentes que destinava ao Summo Pontifice, conforme ainda o nosso chronista, do qual, já agora, protestâmos não mais duvidar.

Embarcado em a nau de João de Pina, cavalleiro da casa d'el-rei, foi o bicho ter a Marselha, onde então estava Francisco I.

Correu logo fama na cidade da extraordinaria alimaria que vinha a bordo da nau portugueza, e mandou el-rei de França rogar a João de Pina que desembarcasse o rhinoceronte, para elle o ver.

O palaciano capitão nosso compatriota não só accedeu ao pedido, mas desembarcou tambem um formoso ginete bem ajaesado que offereceu ao monarcha francez, o qual penhorado pelo obsequio, o retribuiu, gratificando João de Pina com cinco mil escudos de *ouro do sol*.

De todas estas gentilezas apenas foi herdeira a Historia. A nau de João de Pina, reembarcado o rhinoceronte, abalou de Marselha para ir dar á costa, em meio de furiosa tempestade, á vista de Genova. Tudo quanto o navio em si continha foi sepultado no mar, e assim lá ficou a rica baixella de prata dourada e lavrada de bestiães (relevos), que fazia parte dos regios presentes ao Papa, os cinco mil escudos de ouro, de João da Pina, e todas as outras cousas boas queahi se deveriam conter, sedas, fatos, joias, armas e todo o mais luxo compativel com a qualidade das pessoas n'essa nau embarcadas.

O rhinoceronte, que appareceu morto na praia, foi esfolado, empalhado e mandado a Roma, para que se não deixasse de cumprir a vontade do magnifico e dadivoso monarcha, ao menos como fôra possivel. Diz Damião de Goes que Leão X o recebeu com muito espanto e grande tristeza ; espanto pelo disconforme do bruto, tristeza pela perda da gente que o levava.

* * *

Em suas *Peregrinações* confessa Fernão Mendes Pinto o

medo que tem de contar as grandezas do que viu lá por essas terras por onde vinte annos viveu, porque se não veja em risco de lhe pôrem em duvida, ou lhe negarem até a veracidade de suas narrativas aquelles que outras terras alem da sua não tendo jámais visto, se não conformam com o que nas que outros viram póde haver de verdadeiro, tão extraordinario e inverosimil lhes parece.

Damião de Goes, que viu as magnificencias do seculo aureo de Portugal, tão singelo em as contar, não se livraria acaso de ser, ainda assim, posto em duvida pela geração dos incredulos, raça immortal, se a sua chronica fôsse tão corrente pelas mãos d'elles como o *Lunario Perpetuo* ou o *Livro de S. Cypriano*.

Recebâmos a lição, e confessemos-la constrictos.

Sufficientemente no caso de crêr em tudo quanto o guarda-mor da Torre do Tombo nos conta, ácêrca das grandes cousas que se obraram no reinado de seu real senhor, D. Manoel, duvidámos todayia da veracidade de um simples episodio, que, por fim de contas, não augmenta sequer um ápice nas glorias d'esse famoso reinado.

E que faz então o Destino? Põe-nos diante, com a precisão das datas que Damião de Goes desdenhara, tão insignificante lhe parecera o topico, a confirmação de todo o succedido, avivando-nos assim a lembrança do bem fundado medo do bom de Fernão Mendes.

Assim, pois, ninguem duvide jámais de que o corpulento elephante seja capaz de passar á sua vontade por onde um homem de commum estatura lhe custaria a sahir, mesmo vestido em pelote.

Viu esse prodigio da força alliada ao medo o chronista d'el-rei D. Manoel, e confirmou-o o celebre Valentim de Moravia, em tempo em que mal cuidaria decerto que um compatriota do chronista portuguez o haveria de duvidar.

GOMES DE BRITO.

REVISTA

DE

EDUCAÇÃO E ENSINO

E

ARCHIVO DE INÉDITOS HISTÓRICOS

—*—

DIRECTOR — Prof. Ferreira-Deusdado

IX VOLUME

GUILLARD, AILLAUD & C.^ª

FILIAL
242 — Rua Aurca — 1.^o
LISBOA

SÉDE
Boulevard Montparnasse, 96
PARIS

1894